

EMANCIPAÇÃO E LIBERAÇÃO SEXUAL DAS MULHERES NA REPÚBLICA ROMANA (II E I SÉCULOS A.C.)

Marilda Corrêa Ciribelli*

Abstract

Our objective is to show the importance of the liberation and the emancipation of the Roman women at the II and I centuries b.C. including aspects of their sexuality. The subject is of great relevance for the study of the History of the Woman because of the victories they obtained in the political, social and economic fields. Concerning their sexuality, in our view, makes them pioneers of the feminism. Despite their conquests, they suffered as much as the women from century XIX and today still we suffer in the century XXI adverse reactions to its legitimate pretensions of equality of rights to the men.

We consider, in our analysis, the feminine world as much as the masculine. We work with the concept of gender, without making the History of the Women a field of opposition to the Men or a differentiated history, but a plural-history one.

We use primary literary sources: historians, philosophers, and poets such as: Tito Lívio, Políbio, Plutarco, Catão, Cícero, Plauto, Terêncio, and others.

We identify the situation of men and women in the Roman system at the end of the Republic period. We explain the structural and economic transformations of the period; the cultural influences received by the Romans of other peoples; the new introduced feminine cults through the civil expansion, conflicts and internal wars in the Urbs and the transformations in the marriage, family and education that produced great modifications in the situation of the Roman women, the emancipated wives at the I century b.C.

* Professora Doutora da UFRJ, Departamento de História (aposentada).
E-mail: moira@urbi.com.br

We finish with a few reflections on the new relationships, the emancipation and the sexual liberation of the women in the Roman Republic.

1 – Introdução

Estudaremos as mulheres que viveram no final da República Romana que, indiscutivelmente, se emanciparam do poder masculino, não só no que diz respeito à sua sexualidade, como também às mudanças que promoveram nos numerosos domínios do masculino.

Fizemos questão de usar o termo mulheres romanas e não mulher romana, pensando na variedade de procedimentos femininos não só em relação à sua sexualidade e emancipação, como também à sua própria existência.

Desejamos esclarecer que não nos deteremos somente nas mulheres da elite, das altas classes sociais, para explicar as transformações sociais ocorridas no período. Analisaremos a situação das escravas, das libertas, das “simples prostitutas”, das “cortesãs de luxo” para melhor compreendermos as mudanças em relação ao feminino que se operaram em Roma, onde todas elas tiveram sua participação. É indiscutível a influência mútua existente entre as chamadas “mulheres marginais” e as “senhoras romanas”. Isto porque, na família romana, a mulher era um ser passivo, o que facilitou o desenvolvimento da prostituição em Roma, enquanto as prostitutas, por sua liberdade de ação e frequência ao espaço público, acabavam influenciando os costumes das matronas. Nossa pesquisa se refere a mulheres de diferentes segmentos sociais.

Segundo Marilena Chauí (1984: *passim*), “a sexualidade é um fenômeno mais abrangente que a reprodução, a necessidade física, o prazer e o desejo, pois envolve nossa própria existência e está presente em nossa vida cotidiana, na religião, na arte, na política, no trabalho.” A sexualidade é uma dimensão dinâmica, dialética e processual da existência humana. O sexo é apenas um aspecto da sexualidade que não a esgota e que pressupõe também o afeto, não podendo ser reduzida apenas ao aspecto genital. A sexualidade se relaciona “ao íntimo e ao sexual, referindo-se tanto ao mais recôndito do ser humano, quanto ao visível e manipulável pelo meio” (VIEIRA, 1994: 53).

A sexualidade no suceder histórico se modifica conforme o contexto social, político e econômico no qual se exerce. Assim, a sujeição feminina variável no tempo estende-se ao seu corpo, ao seu prazer, a sua sexualidade (FOUCAULT, 1985: 147).

A sexualidade feminina sempre foi valorizada por sua função de reprodução, que se confundia com a própria essência de ser mulher. Portanto, a virgindade, a castidade, a passividade sexual, como os tabus e os preconceitos, eram os principais elementos estudados na sexualidade feminina (ALVES; PINTANGUY, 1991: 60; CIRIBELLI, 2001: 9-10).

A mulher na Roma Republicana, ao contrário do que muitas vezes ainda acontece na Sociedade Ocidental, se permitiu o prazer sexual livre, sem opção pela maternidade. O exercício da sexualidade se desvinculou da função biológica da reprodução e o aborto não era considerado crime, como veremos adiante (CECCO; MARSILLA, 2001: *passim*).

Apesar de todas as vitórias das mulheres no sentido profissional, na recriação do papel materno e em suas novas dimensões do relacionamento, ainda hoje, a sexualidade enquanto *“afirmação da mulher como sujeito do seu desejo, é um território a ser conquistado”* (VIEIRA, 1994: 53).

Os historiadores que compreenderam que o universo feminino é muito diferente do masculino, não por determinação biológica mas por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente, fizeram com que a História da Mulher saísse do campo temático específico e passasse a valorizar mais a ação humana, o que iria lhes conceder maior importância dentro da historiografia contemporânea, que passou a utilizar a categoria Gênero. Este tornou-se um instrumento valioso de análise, por ser uma categoria que atende à multiplicidade de dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais (RAGO, 1988: 96-98). Daí a necessidade de *“desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino, ou melhor, o pensamento dicotômico e polarizado sobre o homem e a mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica de dominação-submissão”* (LOURO, 1997: 30-35). [É preciso desconstruir a falacidade rígida dos gêneros como afirma Maria Izilda Matos em *Por uma História da Mulher.*] (2000: 19)

Pretendemos nesta análise tratar da História da Mulher *“levando em consideração tanto o masculino como o feminino, fazendo desta História, não um pólo de oposição ao homem, não uma História Diferenciada, mas,*

sim, concedendo-lhe um status, um lugar em que o homem e a mulher se completam como seres humanos” (CIRIBELLI, 1995: 46).

Discorreremos também sobre a condição da “mulher: feminino plural”, o que proporciona aos homens a oportunidade “*de conjecturarem sobre suas dinâmicas arquetípicas*” (MONTEIRO, 1998: 15).

Como os gêneros fazem parte da História, vamos abordá-los de forma analítica, relacionando-os aos acontecimentos mais conjunturais, “*estabelecendo relações e articulações mais amplas, inserindo-os na dinâmica das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, o que propiciará a reinvenção da totalidade histórica dentro do limite do objeto pesquisado*”.¹

Nossa intenção é também desenvolver uma visão histórica, que não se baseie somente na defesa preconceituosa da chamada “vitimização e sujeição das mulheres ao homem no decorrer dos séculos”, mas, sim, mostrá-las em suas lutas e conquistas no final da República Romana. Não podemos permitir que a misoginia masculina torne-as apenas objeto de riso e de deboche, ao contrário, precisamos dignificá-las, em sua atuação na sociedade em que viveram.

2 - O Sistema Patriarcal em Roma. O Perigo de ser Mulher

O imaginário das sociedades ocidentais, desde o mito de Adão e Eva, se impregnou de uma concepção parcial e excludente dos sexos. Para o homem, o trabalho e para a mulher, a dor de ser mãe e os deveres de esposa. O espaço exterior para o homem e o interior para a mulher, cada um exercendo o seu domínio sobre um espaço, ou público ou privado. Para o masculino, a segurança, a determinação, a força, a conquista e para o feminino, a passividade. Foram sendo construídos dois níveis separados nitidamente, o mundo dos homens e o das mulheres, paralelos e incomunicáveis (VIEIRA, 1994: 56). Foi o que observamos em Roma na Realeza e no início da República e o que, ainda hoje, podemos ver em muitas sociedades que continuam baseadas nessa diferença entre os sexos.

No sistema patriarcal romano, o poder, a propriedade, a política e a economia encontravam-se nas mãos dos homens que escreviam as leis, ditavam as normas e pregavam a moral, enquanto a mulher se submetia, calava. Apenas devia-se movimentar dentro da casa, onde educava (muitas vezes

sem uma formação adequada) e antes de tudo era um agente de reprodução. Em função desta situação, tornou-se lugar comum, entre os estudiosos, as generalizações de que as mulheres foram sempre vítimas impotentes do poder do homem, poder este que variava conforme o tempo e o lugar. Quando as mulheres se opunham ao masculino, eram consideradas perigosas pela sociedade, porque não permaneciam passivas ao seu domínio. O temor que as mulheres despertavam nos homens fazia com que eles se voltassem principalmente contra a sua sexualidade, por isto, não aceitavam que assumissem seu corpo. Negavam-lhes o “prazer sexual”. Os homens confundiam a função feminina da sexualidade com a reprodução, e por isto pensavam que cabia à mulher apenas o ato de produzir filhos legítimos, dentro da união.

Nesta linha de pensamento, o Casamento era visto como um negócio de família. Os maridos não se comportavam espontaneamente com suas esposas, por entenderem que a sexualidade no casamento era apenas um instrumento de procriação; um dever conjugal que freqüentemente cobravam às mulheres que a eles deviam se submeter. Em consequência dessa situação, o prazer sexual era procurado pelo homem romano fora do casamento porque, pela moral sexual vigente, “o homem possuía e a mulher se entregava” e o sexo entre os casais era somente um meio de reprodução.

É bem verdade que, da Antigüidade aos nossos dias, o papel das mulheres – e especificamente sua sexualidade – sofreu muitas modificações, avanços e retrocessos.²

As mulheres em Roma, no período final da República Romana, nem sempre foram passivas em relação aos homens; ao contrário, se opuseram de uma forma ou de outra à sua opressão, ao seu poder, mesmo quando aprisionadas no espaço doméstico (na casa romana). Usavam de todos os argumentos, do próprio poder de sedução para romper as “brechas do domínio masculino”, razão pela qual afirmamos que as mulheres romanas do II e I séculos a.C. não aceitaram os padrões que lhes foram impostos e, por isso, precisam passar a ser vistas com um novo olhar, podendo mesmo ser consideradas como pioneiras do feminismo e reformadoras sociais. Explicando melhor: no II século a.C., no sistema patriarcal romano, o poder, a propriedade, a política e a economia estavam nas mãos dos homens, e, por isto, poder-se-ia pensar que a condição feminina de inferioridade estava definitivamente admitida até pelas próprias mulheres, o que não corresponde à verdade. Havia por parte delas uma grande reação, que se estendia pelo campo

político e social, a ponto de o conservador Catão alertar os políticos romanos: “*Se elas tornarem-se iguais a vocês, elas o dominarão*” (TITO LÍVIO. *História Romana*. v. I. 1989: *passim*).

Roma, portanto, apresenta aspectos “*sui generis*” no estudo da História da Mulher. Sabemos, por exemplo, que “*apesar de não gozarem de direitos políticos, as romanas chegaram a conseguir a supressão de leis que as prejudicavam, como a Lei Ópia, a Lei Vocônia e outras.*” (ACHARD, 1995: 58)

Essas atitudes femininas de rebelião (ou protesto) revelam uma revolução na condição e na vida das mulheres. Muitas dentre elas se enriqueceram e penetraram em todos os domínios da vida romana. Não obedeceram mais servilmente aos homens no século I a.C.

Para compreendermos as mudanças que as levaram a estas vitórias e a ganharem uma maior liberdade de ação e uma “relativa emancipação”, será preciso retrocedermos no suceder histórico.

3 - A Família e o Casamento Romano Tradicional

A família romana tradicional tinha como chefe e senhor o “pater familias” que possuía o direito de vida e morte sobre seus membros.

A mulher era considerada como filha do marido pelo Casamento *Cum Manus*, e ficava sujeita a sua *potesta*, passando a fazer parte da família do marido. No Casamento *Sine Manus* a esposa continuava na família de seu pai e não na do marido.³

Segundo Gaio, existiam três formas de casamento: o *Confarreatio* (casamento a princípio de patrícios), *Coemptio* (compra fictícia da mulher) e o *Usus* (coabitação por um ano).

Em Roma, o casamento não era indissolúvel; podia ser dissolvido por morte, pela perda da cidadania ou pelo divórcio.

4 - A Emancipação da Mulher

A sociedade romana primitiva estruturava-se, assim, em torno da família, porém o Casamento variava conforme a situação social dos noivos.

Pela Lex Canuléia de 445 a.C., foi permitido o Casamento *Cum Manus* entre patrícios e plebeus.⁴

A grande maioria da população em Roma casava-se de maneira simples e informal; o casal decidia viver junto e, após um ano, estava oficialmente considerado casado (*Usus*).

Como as mulheres romanas que reinavam no lar e viviam sob o poder do *pater*, no devotamento e obediência ao trabalho (embora dirigissem a educação dos filhos, e possuíssem algumas prerrogativas religiosas – Deuses Lares) conseguiram se emancipar na República?

Pelo enfraquecimento e extinção da *patria potesta* e pelos direitos que as mulheres adquiriram sobre os filhos? Por casamentos que lhes davam maior liberdade de movimento? Pela educação mista que receberam e pela maior tolerância que lhes foi concedida pelos pais? Pela igualdade intelectual e moral entre os sexos?

Muitos questionamentos poderiam ser feitos a este respeito, mas o que nos importa assinalar é que as mulheres, no final da República, tornaram-se esposas emancipadas. Não se dedicavam mais ao lar, fugiam ao dever da maternidade, abortavam (tinham direito sobre o seu corpo) e competiam com o homem no campo político, diplomático, literário, etc. Algumas acabam também aderindo aos vícios e outras chegam a romper com os laços familiares e tornam-se prostitutas.

A estrutura do casamento e da família romana explica em parte como – em uma sociedade patriarcal em que todo o poder estava nas mãos do pai de família e onde a esposa era considerada como sua propriedade – as mulheres conseguiram tantas prerrogativas. Pelo Casamento *Sine Manus*, como vimos, a mulher podia viver com um homem, com ele constituir família, sem passar para a sua dependência ou da sua família. Por outro lado, várias leis que as libertavam “da proteção masculina” foram promulgadas no início do I século a.C. As mulheres podiam tomar decisões importantes sem consultar seu “guardião masculino”.

Ovídio, em *Amores* (II, XIV, 27), conta-nos que algumas mulheres, com medo do parto, não queriam ter filhos e sujeitavam-se a perigosos métodos para evitá-lo. “*Por que é que introduzem objetos e arrancam o vosso interior e dão veneno as crianças por nascer?*” Danielle Gourevitch, em sua obra *Le Mal d’être Femme* (1984: 195-217), trata da enorme frequência dos abortos e do problema da contracepção, no período final da República Romana.

O parto não era fácil para as romanas, muitas delas sofriam terrivelmente ou morriam durante estes trabalhos, razão pela qual preferiam abor-

tar, quando o aborto era, muitas vezes, o último recurso para as mulheres que ficavam grávidas, como resultado de uma aventura casual ou como meio normal de controlar a taxa de natalidade (GOUREVITCH, 1984: 129-169).

A legalidade do aborto é um aspecto da sexualidade romana que precisa ser melhor estudada. "... a anticoncepção, o aborto, a exposição das crianças... eram práticas usuais perfeitamente legais", como afirma Paul Veyne ao analisar a situação dos recém-nascidos em Roma (VEYNE, 1981: 23 e seg).

O romano não estabelecia a distinção entre o aborto e a anticoncepção, pois em Roma não se levava em conta o momento biológico em que a mãe se desembaraçava do futuro filho que não desejava ter. Isto porque, segundo Apiano em *Dijesto* (25, 4.1.1), a criança não era considerada como um ser humano, portanto, carecia de personalidade jurídica. O aborto não era, pois, considerado um delito pela legislação romana. O que levava à repressão não era o aborto (a vida da criança pertencia ao pai) e sim a morte da mulher. Para a mulher abortar, segundo Plutarco e Cícero, bastava o consentimento do marido (CECCO; MARSILLA, 2001: *passim*).

Não podemos simplesmente deduzir por este fato que na República Romana não existissem reflexões morais que repeliam o aborto. Ele não era um homicídio, mas uma ação imoral...

Outro aspecto importante da sexualidade das mulheres romanas das classes média e superior era o costume de não amamentar seus filhos. Confiavam-nos a amas de leite. Tácito, na *Germânia* (27, 1 *apud* GOUREVITCH, 1984: 233), critica o costume e explica que, por isto, muitas crianças morriam em Roma de doenças resultante de má nutrição e da falta de cuidados médicos nos primeiros anos de vida.

Como estas mulheres numa sociedade que as queriam castas, educadas e na qual não podiam demonstrar ambição ou inteligência, utilizavam essa prática? Por se considerarem mães e não nutridoras de crianças? Resposta difícil! Essa prática podia ser aceita por influência oriental na medicina romana (GOUREVITCH, 1984: 233).

Os homens romanos, como vimos, buscavam a satisfação sexual fora do casamento e fugiam às responsabilidades dos laços familiares. A literatura romana mostra-nos o grande número de suas aventuras amorosas com escravas, com libertas, com prostitutas ou, até mesmo, com esposas frustradas de outros homens.

Havia na Roma Republicana uma espécie de dualidade na moral sexual. Os homens podiam freqüentar as prostitutas, ter casos amorosos fora do casamento e uma vida sexual geralmente plena e variada. “*Das mulheres por outro lado exigia-se fidelidade aos maridos*” (MASSEY, 1988: 77). As mulheres, que tinham relações sexuais extramatrimoniais eram consideradas imorais, quer por homens, quer pelas próprias mulheres, como podemos ver nas Obras de Cícero, Tácito, Horácio e Ovídio.

A emancipação das mulheres assustava o próprio Senado que, por isso, em 19 a.C., aprovou vários decretos atacando o que chamava a imoralidade feminina. Tentava-se proibir que as netas, filhas e esposas dos “senhores romanos” se envolvessem na prostituição.

Mas poetas como Horácio e Ovídio louvavam as mulheres livres das “classes média e superior” que sabiam dançar e que tinham idéias bem claras sobre o conhecimento sexual, que conheciam as canções mais recentes do teatro e a poesia (MASSEY, 1988: 78-79). As esposas desses poetas sabiam dos seus “divertimentos levianos”, mas procuravam ignorá-los. Muitos deles possuíam essas “mulheres fáceis”, chamadas de concubinas, com as quais partilhavam o leito. Algumas dessas relações acabavam se tornando freqüentes. Este fato revela bem a dualidade na moral sexual a que nos referimos: reprovava-se o comportamento das mulheres, mas não o dos homens.

As mulheres romanas conseguiram, nos séculos II e I a. C. (na República Romana), sua emancipação no campo político, econômico, social e cultural e sua liberação. Como teriam conseguido essas vitórias?

Tentaremos explicar suas conquistas, analisando as transformações estruturais e econômicas, as influências culturais de outros povos sobre os romanos, as mudanças ocorridas na família e na educação dos filhos, a prostituição e as novas relações entre os sexos.

4.1 – Transformações Estruturais e Econômicas

Com as Guerras Púnicas e o início da Expansão, os romanos abandonaram suas propriedades, para confiá-las aos Intendentes (Vilicii), e, com isto, a urbanização se acelerou. Todos foram para as cidades. Segundo Apiano, é a mulher do Intendente que irá substituir a mãe da antiga família romana (a matrona), mesmo na celebração dos cultos (APIANO. *História Romana*, 1, 7, 17).

O prestígio da família patrícia praticamente desaparece com a união entre plebeus e patrícios e com a destruição do antigo sistema patriarcal. A família, modelo da Sociedade da época, se desestruturou. As matronas instalaram-se em Roma, em casas menores do que as rurais em que residiam anteriormente, o que lhes permitia menos trabalho e mais tempo para se ocuparem de si próprias e, assim, ganharam mais independência.

Roma torna-se a senhora do Mediterrâneo, mas suas conquistas vão lhe trazer muitas conseqüências.

Com o engajamento dos romanos nas campanhas mais longínquas, as mulheres passaram a dirigir a casa, e os homens, quando dispensados do serviço militar, perdiam a sua condição de guerreiros, o que lhes permitiu adquirir poder equivalente ao dos maridos. A vinda de escravas-mulheres, presas de guerra, em massa para Roma, alivia também o trabalho das mulheres no lar, porque a maior parte dos seus afazeres recai sobre as escravas.

A multiplicação do número de libertos que não conheciam as tradições romanas iria permitir uniões mais simples e muitas transformações sociais.

A riqueza toma conta de Roma. As mulheres aproveitam indiretamente ou diretamente os legados, os dotes desta riqueza. Segundo Políbio (*História*, 31, 27), as filhas de Cipião, o Africano, receberam cinquenta talentos de dote, o que representava uma soma enorme. A vida rude que levavam as matronas não é mais que uma lembrança. Muitas delas tornaram-se mais ricas que seus maridos, que passam a contar com elas para seduzir os eleitores na escolha das magistraturas ou para manter seus bens patrimoniais.

4.2 - Novas Influências Culturais

Outros frutos da conquista são os “apports” literários e artísticos, que modificaram as mentalidades. Estes, a princípio, vieram através dos libertos (ACHARD, 1995: 61).

A Comédia Romana, de Plauto e Terêncio, mostram a busca do prazer pelos jovens e “velhos lidibinosos”, embora sempre no fim de suas peças os dramaturgos fizessem a moral prevalecer.

A Grécia inspirou poetas eróticos como Catulo e iniciou os romanos nas sutilezas, ou melhor, na fineza e na tortura do sentimento amoroso. O amor exerce tantos estragos que o poeta Lucrécio o condena sem apelo.

A pintura, a escultura das casas e dos lugares públicos mostram uma nova imagem da mulher, uma imagem mais graciosa e mais elegante.

Os romanos modificaram, assim, seus costumes em contato com outros povos, e passaram a tratar de forma diferente suas mulheres, absorvendo novidades vindas das conquistas, que acabaram se espalhando por toda a sociedade romana.

4.3 - Novos Cultos Femininos

Roma é invadida por cultos estrangeiros, como o de Dionísos, Cibele, Ísis e Sérapis.

As mulheres apreciavam esses ritos porque neles eram bem recebidas e iniciadas, algumas vezes até mais facilmente que os homens. Eram alegres e suas festas intensas, ao contrário do culto romano. A ligação dos romanos a essas religiões importadas levou-os a um afastamento dos ritos domésticos e da religião tradicional.

Alguns deles, como o culto de Ísis, pregava a igualdade dos sexos e a liberação para o amor, o que explica que algumas mulheres amadas por poetas, como Cíntia por Propércio e Délia por Tibullo, tenham se tornado suas adeptas (ACHARD, 1995: 62).

4.4 - Novas Concepções sobre a Mulher em Matéria Psicológica

A concepção em matéria psicológica sobre a mulher evoluiu e seu lugar na sociedade se modificou.⁵ Afirmava-se que a mulher era tão eficaz quanto o homem na procriação e também psicologicamente.

Achard, em sua obra *La Femme a Rome* (1995: 63-64 *apud* TITO LÍVIO. *História Romana*, 39, 13), faz uma série de considerações sobre a feminilidade, a masculinidade, a androginia, e afirma que o gosto dos gregos pela homossexualidade masculina acabou se insinuando entre os romanos, por razões que considera culturais e religiosas.

Com todas essas transformações sociais, a visão sobre as mulheres romanas forçosamente não poderia se manter a mesma.

4.5 - Conflitos Civis e Guerras Internas

Na II metade desse período e especialmente após os anos 50, os conflitos entre os cidadãos (os conflitos civis) são determinantes para a emancipação feminina.

A oposição entre democratas (populares) participantes dos Gracos e conservadores (optimatas) participantes do Senado, entre marianistas e silianos, otavianos e pompeanos, era discutida com as mulheres. Estas, muitas vezes, demonstravam sua discordância em relação à posição política dos maridos, dos filhos, dos pais e irmãos, e opinavam sobre assuntos políticos, anteriormente só tratados por homens.

Após os idos de março, a estrutura do Estado Romano desmoronou totalmente, o que favoreceu mais ainda a grande liberdade dos costumes na Roma Republicana.

5 - As Mulheres e o Regime Matrimonial

No campo da educação, as filhas de família passaram a receber conhecimentos básicos de leitura e de cálculos elementares. Algumas Escolas (que poderíamos chamar de primárias) lhes foram abertas. As mães passam a influenciar na formação dos filhos e das filhas (como fez Cornélia, mãe dos Gracos). As mulheres aprendem a dança e a música, apesar da oposição dos “conservadores”.

As mulheres que continuavam seus estudos, chamadas pelos romanos de “mulheres cultas”, mesmo depois de casadas, completavam sua educação começada na infância, recebiam ensinamento dos filósofos, escreviam, tocavam lira, conheciam a geometria, inspiravam os poetas, conheciam a retórica e o direito (ACHARD, 1995: 68-69).

Quanto às uniões, o amor tem livre curso entre os homens e as mulheres. O casal, em suas brigas, cada vez menos suporta as contrariedades do cotidiano.

Fisicamente a mulher procura também mudar sua imagem; as matronas tornaram-se mais elegantes e os espelhos, objetos obrigatórios. Seu charme passou a influenciar os homens, tornando-os sensíveis à sua personalidade e não somente ao seu *status* social.

Segundo Cícero, em *Cartas a Ático* (6, 6), podem também demonstrar sua vontade em relação ao casamento, embora muitas delas ainda associem sua escolha à vontade da mãe.

O regime matrimonial modifica-se. O Casamento mais usado passa a ser o *Sine Manus*, pelo qual, embora a mulher continue ligada ao pai, pode até se divorciar. O casamento perde sua estabilidade, tornando-se um ele-

mento essencial de alianças políticas. As uniões são cada vez mais instáveis e a vida conjugal mais movimentada. Homens e mulheres não hesitam em se divorciar e em se casar novamente, e isso acaba se tornando costume.

Os homens e as mulheres acumulavam amantes. A mulher passou a ter uma vida social bem mundana. Participa freqüentemente de recepções e assiste aos banquetes. Enriquece em função dos seus dotes e das leis romanas. Ignoram os maridos e dirigem seus próprios negócios e podem até mesmo recorrer à justiça.⁶

Essas mulheres que conseguiram sua independência econômica e passaram a participar ativamente da vida da Cidade e das assembléias políticas denunciam complôs e intervêm no Senado.

A prostituição em Roma, em função da expansão romana, aumenta consideravelmente. Se prostituíam escravas, libertas (à procura de um protetor), viúvas, divorciadas, que se empenhavam em proporcionar aos homens todas as fantasias eróticas. As prostitutas freqüentavam os salões e as ruas de Roma ao lado das “mulheres honestas”, que, muitas vezes, acabavam aderindo a esse comércio. Essas “mulheres fáceis”, segundo Plutarco, acabaram por gozar de um fim político muito importante em Roma nesse período.⁷

A prostituição sempre foi indissociável da vida romana, como podemos ver nas comédias de Plauto e Terêncio (PLAUTO. 1997: *passim*; TERÊNCIO. 1988: *passim*). Em suas peças, ao lado de personagens “raffinés”, aparecem as prostitutas, sempre associadas à vida dos prazeres. As Comédias de Plauto estão repletas de bordéis, de cínicos e de prostitutas muitas vezes capazes de arruinar “os filhos de boa família, após iniciá-los no amor” (CIRIBELLI, no prelo: 60). As prostitutas da Roma Republicana gostavam de beber e de comer, sua sensualidade as nutria. As prostitutas eram chamadas de cortesãs ou lobas e o lugar em que se encontram com os clientes, de lupanar. A lenda diz que a primeira prostituta foi aquela que alimentou Romo e Rêmulos (VANOYEKE, 1990: 76).

Para Plutarco, em *Vidas Paralelas* (1991: *passim*), as prostitutas eram perfeitamente bem integradas na vida social, porque o sagrado e o prazer clandestino, muitas vezes, apareciam reunidos em Roma. Eram consideradas como elementos que contribuía para preservar a moral e a fidelidade das matronas (um remédio para a sua segurança).⁸

Essas cortesãs chegavam a ter muitas vezes, na vida dos homens romanos, o lugar que as esposas, excluídas da vida social, deixavam vago.

Cícero (*Pro-Coelio*, 48) aprovava esta prática de vida, pois ao defender Caelios, acusado de adultério com Clódia, que era uma prostituta, declarava: “*era preciso tolerar isso, baseado nos costumes da época e também dos ancestrais*”. Mesmo Catão, conta-nos Plauto, conservador e moralista, felicitava jovens por visitar essas profissionais e por deixar em paz as mulheres casadas.⁹ Terêncio também em *Adelfos* (*Adelfos*, 101), afirmava não ver nada de mau em que os adolescentes freqüentassem as prostitutas. *Valério Máximo* conta que um jovem se apaixonou por uma mulher casada (adultério, nessa época, era punido com a morte) e seu pai, vendo-o em perigo, mandou-o freqüentar um lupanar, com isso conseguindo que o rapaz deixasse a amante (VALÉRIO MÁXIMO. *História*. 55).

A prostituição, não há dúvida, fazia parte da vida romana (PLAUTO. *O Comerciante. passim.*). “*Era na República, para os romanos, um gozo que não se podia rejeitar e que se deixava acontecer.*” Vanoyeke afirma “*que era considerada com a maior tolerância, daí, as expressões para designar a Prostituição: remédio, necessidade, facilidade, liberdade.*”¹⁰

Muito poderíamos ainda falar da prostituição na República Romana, não só sobre as Meretrizes, Prostitutas dos Quarteirões Pobres, ou das Prostitutas de Luxo que freqüentavam os locais privilegiados; mostrar a forma como eram recrutadas e como sua profissão era regulamentada; seus contratos de locação; sua comercialização pelo Leno; suas Festas (como as Florálias especialmente eram celebradas para elas) e da prostituição masculina.¹¹

Concluindo, na Roma Republicana a prostituição era comum sob o ponto de vista social e era vista como uma válvula de escape para os homens. Era mesmo, uma questão de saúde pública, e não uma exceção.

Tanto a prostituição masculina quanto a feminina faziam parte da vida romana e estavam ligadas ao seu cotidiano.¹²

6 - A Emancipação e a Liberação Sexual das Mulheres (As Novas Relações entre os Sexos)

Os homens romanos viviam uma crise em relação ao que pensar de suas mulheres. Muitas vezes julgam-nas contraditórias, o que os levava ao juízo tradicional sobre a instabilidade do sexo fraco; por isto, afirmavam: *é preciso ter paciência com elas*. Outros se divorciavam à procura de mulheres mais jovens e acomodadas. Alguns romanos, da mais alta estirpe, esposam mulheres sem dotes, mas que consideravam mulheres menos exigentes.

Curiosamente, os poetas buscavam encontrar entre as “mulheres fáceis” a felicidade perdida, procuravam uma síntese difícil: encontrar ao mesmo tempo a lealdade das matronas antigas e o amor livre. Quanto ao que pensavam os filósofos sobre a liberdade das mulheres, pouco sabemos, a não ser que não mencionavam em suas Obras seus direitos e deveres. Era difícil para a sociedade do final da República “refletir sobre ela própria, praticar a introspecção”.

Se excluirmos as escravas e as libertas, temos de admitir que as mulheres no I século a.C., patrícias ou plebéias, se emanciparam da pátria *potesta* e conseguiram se liberar sexualmente. Não podemos, porém, esquecer que essa emancipação foi feita de forma desigual. As “mulheres fáceis” conseguiram uma maior liberdade e passaram a gozar de um fim político capital em Roma, e as matronas ganharam em autoridade e autonomia, colocando-se, em numerosos domínios, no mesmo nível do homem.

Documentação e bibliografia

1 - Documentação

- APIANO. *História Romana*. Espanha: Editorial Gredos, 1989.
- CATÃO. *De Agricultura*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- CATULO. *Poemes*. Espanha: Editorial Gredos, 1989.
- CÍCERO. *Da República*. São Paulo: s/ed., 1973.
- _____. *Caton L'Ancien*. Paris: Les Belles Lettres, 1955.
- OVÍDIO. *Amores, Arte de Amar. Sobre la Cosmética del Rostro Femenino, Remedios Contra el Amor*. Espanha: Editorial Gredos, 1989.
- PLAUTO. *Obras Completas*. Buenos Aires: El Ateneo, 1997.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. v. II. Marco Catão. São Paulo: Paumape, 1991.
- POLÍBIO. *História*, 31, 27. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- TÁCITO. *Germânia*. Paris: Les Belle Lettres, 1975.
- TERÊNCIO. *Os Dois Irmãos*. Coimbra: Coleção de Estudos Clássicos, 1988.
- TITO LÍVIO. *História Romana*. v. I. São Paulo: Paumape, 1989.

2 -Bibliografia

- ACHARD, G. *La Femme a Rome*. Paris: PUF, 1995.
- AGUIAR, N. (org.) *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- ALVES, B.M. e PITANGUY, J. *O que é o Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ANDRÉ, J. *Être Médecin à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- ARIÈS, P. ; DUBY, G. *História da Vida Privada*. v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BARBOSA, G.O.A. *A Prostituição no Palácio*. In: Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001, Ouro Preto – MG.
- BASSUMANN, L. *História da Prostituição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BERNARDES, M.T.C.C. *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- BURKE, P. (org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CASTRO, F.L. *Tipos de Prostituição em Roma*. In: Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001, Ouro Preto – MG.
- CECCO, E.E. e MARSILLA, A.M. *O Aborto em Roma: Considerações Jurídicas e Morais*. In: Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001, Ouro Preto – MG.
- CHARTIER, R. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1990.
- CHAUÍ, M. *Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CIRIBELLI, M.C. *O Primado do Escravo no Teatro Plautino*. Rio de Janeiro. Prelo da Editora 7 Letras.
- _____. *Metodologia da História da Mulher em Roma*. In: Phoênix. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- _____. *Educadoras e Escritoras do Século XIX*. In: Revista InterFace, v. 1, n. 2. Nova Iguaçu: UNIG, Mestrado em Educação, 2000.
- _____. *Mulher de Ontem e de Hoje*. In: Conferência apresentada na VIII Semana de Educação e Letras. 2001, Nova Iguaçu.

- _____. *Prostituição em Roma Republicanana*. In: Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001, Ouro Preto – MG.
- _____. *Mulheres e Sexualidade na República Romana (II e I séculos a.C.)*. In: Palestra apresentada no III Encontro de Enfoques Feministas e as Tradições Disciplinares nas Ciências e na Academia. 2001, Niterói – RJ.
- DIAS, M.O.L. *Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças*. In: *Revista de Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, ago./dez. 1994. p. 373-382.
- _____. *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. In: COSTA, A. O. BRUSCHINI, C. *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DUBY, G. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar, 1991.
- DUBY, G. & PERROT, M. (orgs.) *História das mulheres no ocidente: a Antigüidade*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/Edabril, 1993.
- _____. *As Mulheres e a História*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *A Mulher/ Os Rapazes da História da Sexualidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FUNARI, P.P.A. *Roma: Vida Pública e Vida Privada*. São Paulo: Atual, 1993.
- GOUREVITCH, D. *Le Mal d'être Femme*. Paris: Les Belle Lettres, 1984.
- GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HUMBERTO, G. s.v. *Abortus y Abigere partum*. In: Ch. DAREMBERG Y E. SAGLIO. *Dictionnaire des antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Hachette, s.f.
- LOURO, G.L. *A Emergência do Gênero*. In: *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MASSEY, M. *As Mulheres na Grécia e Roma Antigas*. Portugal: Publicações Europa-América, 1988.
- MATOS, M.I.S. de. *Por uma História da Mulher*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.
- MOCELLIN, R. *As Mulheres na Antigüidade*. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

- MONTEIRO, D.M.R. *Mulher: Feminino Plural*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.
- PEDRO, J.M.; GROSSI, M.P. *Masculino, Feminino, Plural – Gênero na Interdisciplinariedade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- RAGO, M. *Trajetória do Gênero*. In: Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero. v. I. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1988.
- ROBERT, J. *Os Prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROBERT, J.N. *Eros romanos. Sexo y moral en la lengua española*. 2 v. Madrid: Espasa-Calpe, 1992.
- ROUSSELLE, A. *La política de los cuerpos: entre procreación y continencia en Roma*. In: DUBY, G. y PERROT, M. (dir.). *História de las mujeres en Occidente*. T.1. *La Antigüedad*. Tr.M. Galmarini. Madrid: Taurus, 1992.
- SAFFIOTI, H. *Primórdios do Conceito de Gênero*. In: Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1999. (p. 157-163)
- SALLES, C. *Los bajos fondos de la Antigüedad*. Tr.C. Ayra. Barcelona: J. Granica, 1982.
- _____. *Nos submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SAMARA, E.M.; SOIHET, R.; MATOS, M.I.S. de. *Gênero em Debate – trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.
- SCOTT, J. W. *Prefácio: A Gender and Politics of History*. In: Cadernos Pagu. Campinas, n. 3, 1994.
- SOINHET, R. *História das Mulheres*. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VANOYEKE, V. *La Prostitucion en Grèce et a Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1990.
- VEYNE, P.; DUBY, J. *Introdução de História da Vida Privada. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.
- VEYNE, P. *O Império Romano*. In: ARIÉS, P. e DUBY, J. (dir.). *História da Vida Privada. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1981.

- _____. *As Núpcias do Casamento Romano*. In: Duby, G. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar, 1991.
- VIEIRA, L.H.C.N. *Acerca do Prazer Sexual Feminino*. In: Cardoso, R.S. (Org.) *É uma mulher*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Notas

- ¹ “Os estudos de gênero estão ainda minados de incertezas, controvérsias e ambigüidades.” Apesar disto, trabalharemos sobre as Mulheres Romanas da República a Categoria Gênero. MATOS, M.I.S. de. *Por uma História da Mulher*, p. 27.
- ² CIRIBELLI, M.C. *Mulheres na História*. Palestra apresentada na VIII Semana de Educação e Letras. Universidade Iguazu. 2001. Nova Iguazu. Rio de Janeiro. (Prelo da Revista InterFace da FaEl.) passim.
- ³ O casamento romano era de dois tipos: Casamento *Cum Manus* e o casamento *Sine Manus*. (Casamento Romano. Vide GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. p. 61 e seg).
- ⁴ Gaio nos mostra que o casamento tinha continuado a ser diferente para ricos e pobres. GAIO apud FUNARI, P.P. *Roma: Vida Pública e Vida Privada*. p. 45.
- ⁵ “É claro, que muitas pessoas continuam a propugnar o primado do homem, como mostra Plutarco em *Vidas Paralelas*.” PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Marco Catão. p. 266.
- ⁶ “O casamento *Sine Manus* ao separar os bens do casal, permite as mulheres dirigir seus negócios. As mulheres recorrem a amigos ou libertos.”
- ⁷ Segundo Plutarco, eram em *Vida de Lucullus*, 6, as mulheres pouco honestas.
- ⁸ Os romanos encorajavam a prostituição porque acreditavam ser uma das melhores garantias da honra da família. Horácio, em suas Sátiras, prega uma moral emprestada aos filósofos gregos, os cínicos. HORÁCIO. *Sátiras*. Apud Vanoyeke, V. *La Prostitucion em Grèce et a Rome*. p. 77. “*Le corps d’une princesse est-il plus beau, plus désirable que celui d’une courtisane? Pourquoi risquer un terrible châtement en s’attaquant à des matrones dont les charmes sont voilés par une longue robe?... Il est plus satisfaisant et moins dangereux pour le patrimoine et pour l’honneur d’aller chercher fortune dans les ruelles où les beautés peu farouches offrent au tout venant des charmes invisibles! Le reste n’est qu’illusion, caprice d’une imagination déréglée, qui ne tient pas compte de ce qu’exige la nature et complique dangereusement et à plaisir les conditions du bonheur.*”

⁹. São suas essas palavras: “*coragem, rapaz, fazes bem freqüentar mulheres de vida fácil e não perturbar as honestas.*” GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. p. 125.

¹⁰. Esses termos que caracterizam o trabalho das prostitutas e dos proxenetas. VANOYEKE, V. *op. cit.*, p. 78.

¹¹. “*A palavra Prostituição no Império como nos mostra Gisele Oliveira Ayres Barbosa tinha, muitas vezes, uma conotação diferente. Prostituta não era somente a que comerciava seu corpo por sexo ou dinheiro, mas era sinônimo de desonra, práticas de ações vergonhosas, corrupção de suborno, de favores praticados por mulheres de vida fácil, isto é, um comportamento marginal e contrário a antiga tradição romana.*” Vide BARBOSA, G.O.A. *A Prostituição no Palácio*. Comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos. 2001, Ouro Preto – MG. p. 2.

¹². Vide BASSUMANN, L. *História da Prostituição*. p. 79, que estuda a Tipologia das Prostitutas.